



Lula reage e devolve: "Não aceitamos tutela"

» MAIARA MARINHO
» FRANCISCO ARTUR DE LIMA
» ISRAEL MEDEIROS
» RAPHAEL PATI
» VICTOR CORREIA

Depois de uma reunião de emergência, no Palácio do Planalto, para avaliar a escala da crise entre Brasil e Estados Unidos, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva recorreu às redes sociais para responder à carta do presidente Donald Trump. E não amenizou o tom. Tal como fizera na coletiva depois do encerramento da cúpula do Brics, segunda-feira, quando disse que o líder norte-americano deveria dar "palpite na sua vida e não na nossa", Lula voltou a enfatizar que o Brasil é um país soberano, que não aceita ingerência de nenhuma nação. Disse mais: lembra que o ex-presidente Jair Bolsonaro é réu, no Supremo Tribunal Federal (STF), por estar envolvido numa tentativa de golpe de Estado, o que pela Constituição brasileira é crime.

"O Brasil é um país soberano com instituições independentes que não aceitará ser tutelado por ninguém. O processo judicial contra aqueles que planejaram o golpe de Estado é de competência apenas da Justiça Brasileira e, portanto, não está sujeito a nenhum tipo de ingerência ou ameaça que fira a independência das instituições nacionais", enfatizou Lula.

O presidente rebate a carta de Trump salientando que as restrições impostas às redes sociais pelo STF é por conta da resistência que as plataformas têm em retirar do ar conteúdos criminosos sob alegação de que, se o fizessem, estariam ferindo os preceitos das liberdades individuais de expressão. "No contexto das plataformas digitais, a sociedade brasileira rejeita conteúdos de ódio, racismo, pornografia infantil, golpes, fraudes, discursos contra os direitos humanos e a liberdade democrática. No Brasil, liberdade de expressão não se confunde com agressão ou práticas violentas. Para operar em nosso país, todas as empresas nacionais e estrangeiras estão submetidas à legislação brasileira", salientou.

Lula responde, também, à afirmação de Trump de que o comércio com os Estados Unidos está desequilibrado a favor do Brasil. Segundo o presidente, "é falsa a informação, no caso da relação comercial entre Brasil e Estados Unidos, sobre o alegado deficit norte-americano. As estatísticas do próprio governo dos Estados Unidos comprovam um superávit desse país no comércio de bens e serviços com o Brasil da ordem de 410 bilhões de dólares ao longo dos últimos 15 anos". E deixa claro que, caso Trump leve realmente adiante a promessa de elevar em mais 50% os produtos brasileiros que circulam no mercado norte-americano, a reação brasileira será na mesma proporção.

"Neste sentido, qualquer medida de elevação de tarifas de forma unilateral será respondida à luz da Lei brasileira de Reciprocidade Econômica", frisou.

Desinformação

Mais cedo, quando o governo ainda digeriria a nota da Embaixada norte-americana defendendo Bolsonaro, o vice-presidente Geraldo Alckmin (também ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços) afirmou que Trump estava mal-informado sobre a situação do ex-presidente, em referência às postagens que fizera nas últimas horas na Truth Media afirmando que no Brasil havia uma "caça às bruxas".

"Essa afirmação [de que Bolsonaro está sendo perseguido] é totalmente equivocada. O presidente Lula ficou preso por quase dois anos e ninguém questionou o Poder Judiciário, ninguém questionou a democracia do Brasil. Isso [as investigações contra Bolsonaro] é assunto interno do Judiciário", comentou, depois do evento que regulamentou o programa Mobilidade Verde e Inovação (Mover), que cria o programa Carro Sustentável. E acrescentou que não fazia sentido a taxação ao Brasil. "Não vejo razão para aumento de tarifas ao Brasil. O Brasil não é um problema para os Estados Unidos", observou. Alckmin participou da reunião de ontem à noite, no Planalto, com Lula e os ministros Rui Costa (Casa Civil), Fernando Haddad (Fazenda) e Mauro Vieira (Relações Exteriores).

Ao mesmo tempo, no Ministério das Relações Exteriores, o encarregado de negócios da Embaixada norte-americana, Gabriel Escobar, era convocado pela segunda — no meio da tarde ele já se apresentara à embaixadora Maria Luísa Escorel, secretária de Europa e América do Norte — para explicar o tarifaço de Trump. Ao afiançar a ameaça de taxação, o MRE entregou de volta a carta do presidente dos EUA e disse que o documento era ofensivo, com falsidades sobre o Brasil e trazia detalhes inverídicos sobre a relação comercial entre os países. A devolução significa que a diplomacia brasileira repudia os ataques de Trump.

No Supremo Tribunal Federal (STF), acusado pelo presidente dos EUA de estar à frente de uma campanha de perseguição a Bolsonaro e de promover a censura de redes sociais com sede nos Estados Unidos, não houve qualquer reação às acusações. Nos bastidores, integrantes da Corte ouvidos pelo **Correio** afirmaram já esperar uma reação de Trump, especialmente diante de recentes decisões do ministro Alexandre de Moraes envolvendo o deputado licenciado Eduardo Bolsonaro (PL-SP), filho do ex-presidente. Uma das avaliações é de que o endurecimento da retórica seria uma resposta direta ao avanço das investigações no Brasil. Também há a avaliação de que o tarifaço não terá poder para interferir no julgamento das ações penais da tentativa de golpe de Estado.

Único integrante da Corte a comentar publicamente o episódio, o ministro Flávio Dino escreveu nas redes sociais que é "uma honra integrar o Supremo Tribunal Federal, que exerce com seriedade a função

Ricardo Stuckert/PR



O Brasil é um país soberano com instituições independentes que não aceitará ser tutelado por ninguém. O processo judicial contra aqueles que planejaram o golpe de Estado é de competência apenas da Justiça Brasileira e, portanto, não está sujeito a nenhum tipo de ingerência ou ameaça que fira a independência das instituições nacionais"

No contexto das plataformas digitais, a sociedade brasileira rejeita conteúdos de ódio, racismo, pornografia infantil, golpes, fraudes, discursos contra os direitos humanos e a liberdade democrática. No Brasil, liberdade de expressão não se confunde com agressão ou práticas violentas

É falsa a informação sobre o alegado deficit norte-americano. As estatísticas do próprio governo dos Estados Unidos comprovam um superávit desse país no comércio de bens e serviços com o Brasil da ordem de 410 bilhões de dólares ao longo dos últimos 15 anos. Neste sentido, qualquer medida de elevação de tarifas de forma unilateral será respondida à luz da Lei brasileira de Reciprocidade Econômica"

Trechos da publicação do presidente Lula em resposta à carta de Trump

de proteger a soberania nacional, a democracia, os direitos e as liberdades, tudo nos termos da Constituição do Brasil e das nossas leis".

Polarização

No Congresso, porém, os ânimos entre bolsonaristas e governistas se exaltaram. Enquanto apoiantes do ex-presidente exultavam com a taxação imposta por Trump e entoavam o discurso de que as sanções vieram por conta da "falta de liberdade" que existe no Brasil, além da "perseguição política ao ex-presidente e à direita", os integrantes da base do Planalto reforçavam o discurso de que ficar ao

lado do presidente dos EUA nesta hora é uma "traição à Pátria".

O presidente da Comissão de Relações Exteriores da Câmara, o bolsonarista Filipe Barros (PL-PR), disse que a tensão diplomática entre Brasil e EUA é resultado da falta de diálogo de Lula com Trump. "Não é pelo fato de o Brasil ser membro do Brics, como estão colocando. O que, de fato, acontece, é que inexistente qualquer relação diplomática do Lula com o Trump. Hoje, o Brasil é visto pelo mundo como um país aliado ao chamado 'eixo do mal', os países que são inimigos das democracias ocidentais", afirmou. Para o parlamentar, o presidente brasileiro

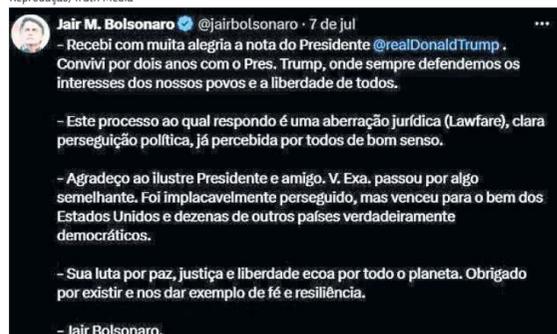
provoca o governo norte-americano, o que contribuiu para o mal-estar entre os países.

Já o líder do PT na Câmara, deputado Lindbergh Farias (PT-RJ), foi um dos mais enfáticos, ao classificar o deputado licenciado Eduardo Bolsonaro (PL-SP) de "traidor nacional" por atuar nos EUA contra os interesses do Brasil. Para o parlamentar, o filho de Bolsonaro é um dos responsáveis pela taxação. "A gente vai discutir o mandato dele. Ele já deveria ter sido cassado. A gente, com certeza, vai tomar uma série de medidas legislativas, mas essa [o pedido de cassação] vai ser uma. Estamos com a equipe jurídica

só trabalhando isso. Esse cara é um traidor nacional. Na minha representação à PGR [Procuradoria-Geral da República] e ao STF, falo desse crime de traição nacional", disse, aproveitando para criticar, também, o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), por se alinhar a Trump ao afirmar, nas redes sociais, que Bolsonaro sofre perseguição no Brasil.

"[Essa tarifa] tem cumplicidade do Tarcísio. Todas as pretensões políticas dele, para mim, vão entrar em xeque. Isso não é qualquer coisa. E a posição da turma bolsonarista é de dobrar a aposta", afirmou Lindbergh.

Reprodução/Truth Media



Acima, Bolsonaro agradece a publicação de Trump e diz que o Judiciário brasileiro o persegue. Ao lado, filho 03 é entrevistado por Bannon e faz mais comentários ameaçadores sobre o Brasil. Na direita, Eduardo endossa a ameaça de megataxação de Trump

Reprodução/Instagram



Reprodução/X

